

Algo de eterno na religião ressurgue em tempos de pandemia¹

Brenda Carranza²

Resumo: A partir da tese de Durkheim, em que a religião se insere nas relações socioculturais dotando de sentido a existência humana, e a problematização da religião como sistema simbólico, sugerida por Geertz, e de pesquisa netnográfica realizada nos meses de março-julho que embasa os argumentos aqui sustentados, esta reflexão apresenta o papel da religiosidade popular latino-americana no contexto da pandemia Covid-19. Analisa também as respostas religiosas dadas pelo catolicismo tradicional e midiático e discute, em diálogo com Rowley, a influência que certa hermenêutica teológica exerce nas ações pastorais em tempos de crise humanitária extrema.

Palavras-chave: Religiosidade popular, Redes sociais, Francisco, Catolicismo midiático, América Latina.

Abstract: Based on Durkheim's thesis, in which religion is inserted in socio-cultural relations giving meaning to human existence, and the problematization of religion as a symbolic system, suggested by Geertz, and on netnographic research carried out during the months of March-July, which underlies the arguments sustained here, this reflection presents the role of Latin American popular religiosity in the context of the Covid-19 pandemic. It also analyzes the religious responses given by traditional Catholicism and the media and discusses, in dialogue with Rowley, the influence that a certain theological hermeneutics exerts on pastoral actions in times of extreme humanitarian crisis.

Keywords: Popular religiosity, Social networks, Francisco, Media Catholicism, Latin America.

O pensador francês Émile Durkheim (1858-1917) que, junto a Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883), constituiu-se num dos arquitetos do pensamento sócio-antropológico das incipientes Ciências Sociais do fim de século XIX, sugere que “há algo de eterno na religião”, reportando-nos assim a uma das questões vitais que desenham o fenômeno religioso. Na sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, Durkheim afirma que a religião supera a condição de agregar certo caráter intelectual à vida cotidiana dos fiéis ou de enriquecer o conhecimento humano. Segundo ele, a função religiosa vai numa outra direção a de “nos fazer agir, nos ajudar a viver. O fiel que comungou com seu deus não é apenas homem

1 Uma versão deste texto foi publicada pelo Centro de Estudos de Migrações internacionais/UNICAMP: https://www.facebook.com/CEMIBR/posts/350842329607907?comment_id=350892516269555, que Também se encontra nos arquivos Covid-19 do Laboratório de Antropologia da Religião. <https://www.larunicamp.com.br/artigos-2/catolicismo-latino-americanos-em-tempos-de-pandemia/>

2 Cientista Social da religião; Atua como Professora no Departamento do Antropologia Social – IFCH, da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP; Coordenadora do Laboratório de Antropologia da Religião – LAR/UNICAMP; Pesquisadora Associada ao Programa Condiciones de vida y Religión, do Instituto de Investigaciones en la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Católica de Argentina.

que vê verdades novas que o incrédulo ignora (...) Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Para o autor, a função da religião estaria na sua capacidade de fazer com que o fiel se eleve “*acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem [e mulher]; acredita estar salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal*” (DURKHEIM, 1989, p. 493).

Essa ideia de a religião elevar o ser humano acima da própria contingência da vida, “das misérias humanas”, encontra-se em estreita relação com o pensamento do próprio Durkheim sobre o papel da ciência, que para ele, é o de oferecer ferramentas que auxiliem na compreensão de como funciona o mundo, seus mecanismos. Já a o papel da religião é o de dotar de sentido o mundo perante as vicissitudes da existência. Pensamento que não opõe a ciência à religião, o conhecimento à fé, antes bem os localiza na dinâmica social que procura os sentidos da existência humana. Assim, dar sentido à vida, ao sofrimento, a razão de “peregrinar” na estrada da existência será o elemento que faz com que a religião tenha algo de eterno, porque eternas são as perguntas sobre o sentido da vida e do sofrimento.

São esses mecanismos de sentido que a pandemia da Covid-19, deflagrada em março de 2020, parece ter ativado. Enquanto fenômeno global, o coronavírus submeteu milhões de pessoas a mudanças drásticas na vida cotidiana, impôs o distanciamento e o isolamento social como principais medidas de proteção, diante do pouco controle que a ciência e as autoridades tinham sobre o que viria a ser uma tragédia social e econômica em escala mundial. Os dados registrados confirmam 69.143.017 casos com Covid-19 e a morte de 1.576.516 pessoas no mundo, na Região das Américas, 18.163.379 pessoas foram infectadas e vieram a óbito 1.576.516, sendo os Estados Unidos o país com mais casos, seguido do Brasil³. Ambas as nações, com governos fortemente criticados, tanto na imprensa quanto nos organismos internacionais, pelo negacionismo da pandemia, o gerenciamento caótico da mesma e a ausência de políticas públicas para atender a suas populações. Toda essa realidade, global e local, vem mostrando como sentimentos de incerteza, perante um futuro sombrio, disseminaram-se com a mesma velocidade que o vírus.

É nesse contexto de profunda crise humanitária, com as consequentes mazelas da desigualdade social, que as instituições religiosas adquirem um protagonismo ímpar na vida em sociedade. A pandemia da Covid-19 obriga a revisitar o lugar da religião em contextos de sofrimento e nos obriga a observar quais são suas respostas às inúmeras necessidades que fiéis e cidadãos sentem. Também é interessante perceber quais as respostas religiosas à pandemia que as diversas religiões continuam a dar, ativando seus repertórios de explicações perante o mal, a desgraça, o sofrimento e de como a religião aciona seus repertórios simbólicos na procura de organizar o caos que a presença constante e ameaçadora da morte desencadeia.

Nesta reflexão nos propomos adentrar nestas indagações a partir de um lugar: a religiosidade popular do catolicismo. É a partir dela que percorremos a maneira como a religião se impõe com seu “algo de eterno”, na busca de respostas em situações de extrema

3

Informações oficiais disponíveis em : <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso: 11.dez.2020.

vulnerabilidade humana. Aproximamo-nos do catolicismo, colocando uma lente de aumento para capturar o que ele oferece quando mobiliza seu sistema simbólico que, de acordo com Clifford Geertz (1926-2006), atua para estabelecer poderosas e duradoras disposições e motivações nas pessoas, a partir de uma forma particular de construir, perceber, explicar e interpretar o mundo: isto é a perspectiva religiosa (GEERTZ, 1978, p. 126).

Começamos, então, acompanhando a autoridade máxima da Igreja católica numa bela cerimônia recheada de estética e história, para logo percorrer os diversos territórios e paróquias latinas as respostas religiosas à aflição. Mais adiante, nos encontraremos com uma rara mistura entre mídia e religiosidade alertando para a novidade das experiências religiosas nas redes sociais. Finalmente, as respostas pastorais a partir de determinadas interpretações teológicas permitem retomar esse algo de eterno que ressurge no papel da religião em tempos de pandemia.

1 EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS E RECORDAÇÕES HISTÓRICAS

Na sexta-feira 27 de março de 2020 o Papa Francisco realiza uma oração de Indulgência Plenária. Ambientada na praça de São Pedro, completamente vazia, num fim de tarde chuvoso, o Papa orienta o espírito que a Igreja católica deverá assumir perante a pandemia da Covid-19. Numa belíssima celebração extraordinária, de estética impecável, com cantos gregorianos, nuances na captação cinematográfica da luz, o som dos sinos, as pausas silenciosas da liturgia, tudo contribui para uma comovedora atmosfera de solenidade⁴. A transmissão, em formato digital streaming, nos transporta ao Vaticano, onde ficamos ao lado do Papa, escutamos sua palavra de incentivo a vivenciar a quarentena como uma oportunidade de fortalecer a fé, a misericórdia, a compaixão e o compromisso com a vida.

Aproximamo-nos com o Papa de duas imagens antiquíssimas: uma, o Crucifixo de São Marcelo, lembrança da epidemia que atingiu Roma em 1522, e, a outra, do ícone da Virgem Maria, trazido na época de Constantino (272-337 d.c). Conta a lenda que, o crucifixo percorreu as ruas da cidade e seus devotos pediam para ele que a peste cessasse. Já os relatos populares rezam que a imagem da Virgem era invocada popularmente em tempos de desgraças e calamidades. Continuemos ao lado do Papa. Entramos com Francisco na majestosa Basílica, onde os presentes e telespectadores recebemos a bênção eucarística do Santíssimo Sacramento *Urbi et Orbi*. Silêncio e incenso elevam as preces do Papa pelas vítimas da covid-19 e abençoa os fiéis católicos de todo o mundo. Você pode retomar essa cerimônia e se transportar no tempo e espaço com apenas um click (<https://www.youtube.com/watch?v=t-sdrpi8AkJs>). Perceba como a tecnologia, tradição e invocação do passado se fundem numa sucessão de cenas que alinhavam a centralidade ritual e hierárquica do catolicismo universal.

4 Uma outra leitura sobre esta celebração foi realizada por Adriano Santos Godoy, recomendo pela beleza estética da sua abordagem. Disponível: <https://www.larunicamp.com.br/novidades/papa-e-o-vazio/>



Fonte: Vaticannews urbietorbi.março 2020

Ainda na Itália, treze dias antes da *Urbi et Orbi*, um sacerdote percorreu as ruas de Roma, carregando o Santíssimo Sacramento, abençoando moradores nas portas de suas casas, fiéis que paravam nas esquinas e nos comércios na expectativa do gesto sacerdotal (<https://www.youtube.com/watch?v=vGlXnrtyhmE>). A saída do Santíssimo Sacramento (hóstia consagrada, que no catolicismo deve ficar preservada num lugar específico nas igrejas, denominado de sacrário) representa uma inversão extraordinária, pois é o sagrado que sai na busca do fiel e não o contrário, pois é o fiel que busca no templo o sacrário para venerar o sagrado.

Deste lado do Atlântico, para respeitar o distanciamento social como medida de prevenção do coronavírus, um outro sacerdote norte-americano oferece o sacramento da confissão estilo drive-thru, onde o confessionário será substituído pelo conforto do carro e o padre a um metro de distância escuta seus pecados (<https://www.youtube.com/watch?v=T-sonOwgU2Dg>). De forma criativa, o padre inova a performance ritual do sacramento, o que corresponde às exigências de distanciamento dos fiéis e à preservação do sigilo do ritual do sacramento em tempos de pandemia. Presenciamos as práticas do catolicismo tradicional na trilha da flexibilização.

Descendo para o México, o Arcebispo da província de Durango, sobrevoa, num helicóptero governamental, a cidade. O clérigo reza e abençoa a cidade, num gesto de outorga divina de proteção, novamente o Santíssimo Sacramento sai do seu recinto sacro e se aproxima dos cidadãos, desta vez fazendo o percurso pelo ar (<https://www.youtube.com/watch?v=M8mI-xN9ZQEY>). No mesmo México, um outro arcebispo, da província de Toluca, também sobrevoa a cidade e além de levar o Santíssimo Sacramento ele transporta uma imagem da Virgem Maria e uma relíquia do papa são João Paulo II (<https://www.youtube.com/watch?v=1Jbr02qUbE>). O mesmo gesto foi realizado por um sacerdote da Costa Rica que, num jatinho da força pública de segurança, percorreu grande parte do território nacional abençoando-o com

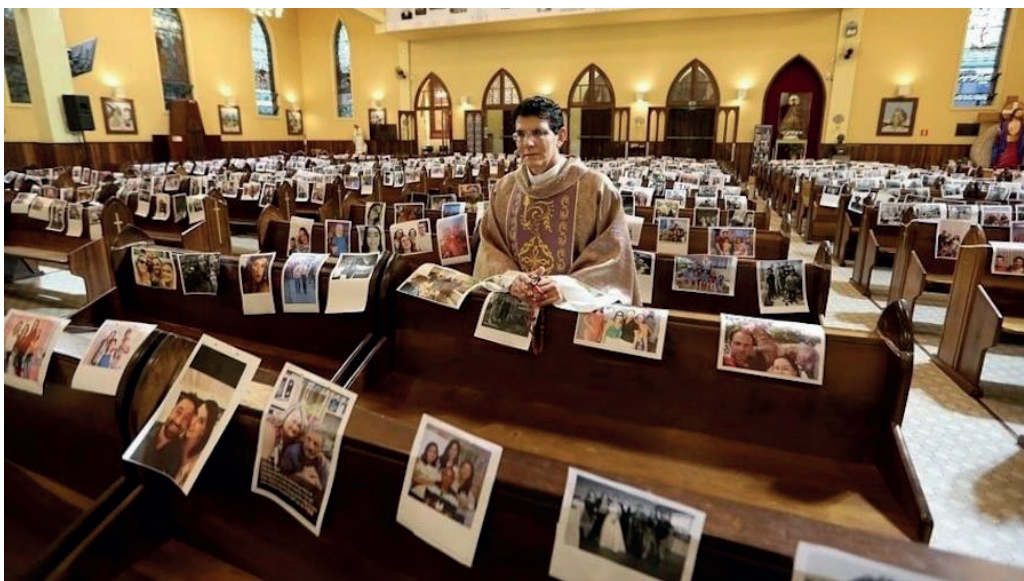
Nossa Senhora de los Angeles. Isso, segundo ele para: “fortalecer as práticas sanitárias propostas pelo ministério de saúde e a fé dos católicos” (<https://www.youtube.com/watch?v=iucW-ClFih6A>). No mesmo gesto, em Guayaquil (Equador), a Virgem de Schoenstatt se aproximou “a partir do céu” de todos os hospitais para visitar os doentes, que recebem assim o conforto espiritual (<https://www.youtube.com/watch?v=LYFTIS2R5AU>). Já em Cochabamba (Bolívia) um sacerdote portou Tata Santiago, santo patrono da força aérea boliviana, e abençoou a cidade com água benta (<https://www.youtube.com/watch?v=3Qy2Gayptgw>).

Virgens, santos, relíquias são amplamente mobilizadas ritualmente para que cidades, doentes, fiéis, obtenham suas graças e algum significado aos sofrimentos trazido pela pandemia. Ao mesmo tempo, o próprio gesto ritual contém um duplo registro. Por um lado, de aproximação dos portadores do sagrado (hierarquia) a seus fiéis, marcando sua presença institucional. Por outro lado, confirmando a legitimidade das medidas sanitárias, sejam essas adotadas pelos governos e/ou sugeridas pela Organização Mundial da Saúde, numa amálgama de interdependência e apoio mútuo entre religião e Estado/Organismos Internacionais⁵.

2 EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS EM AMBIÊNCIAS DIGITAIS

Mas, se o sagrado vai ao encontro dos fiéis, porque estão impedidos de ir até ele, também é verdade que clérigos e agentes de pastoral encontram a maneira de fazer chegar os fiéis ao templo. Como consequência da proibição de aglomerações, no Brasil, como em todos os países latino-americanos, os bancos das igrejas ficaram vazios e as portas foram fechadas. Porém, as igrejas católicas inovaram a maneira de tornar presente sua comunidade paroquial dentro dos templos. Um padre cantor, por exemplo, colocou milhares de fotografias de seus paroquianos nos bancos da igreja para compor uma comunidade virtual, com ela realizou a missa dominical, transmitida online. Tal proposta começou a ser prática normal em muitas cidades latino-americanas.

5 A maneira como outros sistemas religiosos não cristãos vem respondendo às necessidades de seus fiéis em tempos de pandemia pode ser conferida nas crônicas que foram organizadas a partir do Seminário Internacional: **Reações religiosas à COVID-19 na América Latina**, realizado de 30/06 a 02/07/2020. Os textos foram publicados no site do LAR e na rede de estudos argentina Diversa. O evento foi promovido pelo Laboratório de Antropologia da Religião (LAR) da Unicamp, em parceria com a revista *Ciências Sociais e Religião* da Associação de Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Disponível na íntegra todas as mesas de trabalho no: https://www.facebook.com/pg/LARunicamp/posts/?ref=page_internal.



Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/20/>

Uma outra dinâmica paroquial surgiu. Na Colômbia, por exemplo, um grupo de leigos com experiência em meios de comunicação, normalizou as missas online e passou a realizar atendimentos virtuais e o monitoramento remoto das necessidades dos fiéis das paróquias. Seus canais Youtube, Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp, constituíram-se nas redes de comunicação paroquial. Com isso, em tempos de pandemia essa comunidade de leigos religiosos imprimiu um novo ritmo à vida comunitária católica, tanto nas grandes cidades quanto nos povoados que tivessem acesso à internet (<http://www.comunidadmariamediodora.com/page/>). Será também por plataformas digitais que jovens realizam lives e se congregam para realizar atividades conjuntas. Assim, um grupo de jovens da Renovação Carismática Católica se articulou, por WhatsApp, para rezar todos juntos o rosário nas ruas de numa cidade brasileira, a transmitir online e fazer post nas redes sociais, tudo em tempo real.



Fonte: Facebook Paróquia Cristo Rei, Cuiabá (MS/Brasil)

Desde o final da década de noventa a Igreja católica já vinha investido numa evangelização que incluía os meios de comunicação, a proliferação de padres cantores e grupos de leigos inaugurando novas formas de vida consagrada na igreja⁶. Porém, a pandemia da Covid-19 obrigou o catolicismo dar o salto compulsório não apenas para as redes sociais, mas também para o ambiente digital como produtor de experiências religiosas e do sagrado.

Ao percorrermos nos tempos da Covid-19 a geografia católica conseguimos capturar alguns momentos em que o catolicismo milenar consegue se reinventar. Algumas vezes, nos surpreende ao percebermos como a pandemia do coronavírus vem forçando o catolicismo tradicional a entrar nas novas exigências da interatividade, comunicação midiática e relacionamento por redes sociais que o século XXI exige. Outras vezes, resulta inacreditável como práticas religiosas, outrora tidas como anacrônicas, emergem com vigor. Vemos então a reposição de um repertório simbólico sendo ativado por meio de práticas milenares que prometem aos fiéis a proteção divina, ativando assim dispositivos de alívio e consolo perante o imponderável que uma peste ou pandemia possam trazer. Sabemos que tais dispositivos, por sua vez, desencadeiam resiliências sociais que tornam suportável o sofrimento humano em tempos prolongados em que fiéis e cidadãos são expostos a risco de vida, como a Covid-19 vem impondo⁷.

3 INTERPRETAÇÕES TEOLÓGICAS E AS RESPOSTAS PASTORAIS

Evidentemente que o catolicismo encontra respostas perante a pandemia, mas a pandemia também lhe faz questionamentos e, por que não, também à religião num sentido mais amplo. O historiador Matthew Rowley, estudando a epidemia de 1616, ocorrida na Nova Inglaterra (Massachusetts/USA), se pergunta o que podemos aprender daqueles que “*pensam que têm a capacidade ou o dever de discernir os propósitos de Deus diante de uma praga?*” (ROWLEY, 2020, p. 6). O autor se refere não apenas aos teólogos, mas também às lideranças religiosas que, no caso seriam os pastores protestantes, que acompanharam as populações cristãs no processo de colonização.

A praga que dizimou as populações do povo Wampanoag e a alguns dos colonos protestantes mostra, conforme o historiador, a relação entre o mundo cristão puritano do moderno Atlântico e o assassino letal, invisível, que dizimou as populações indígenas, as tiveram mais de noventa por cento da população ceifada por causa da epidemia. O custo da expansão europeia para os indígenas é muito alto, tendo sido cobrado em guerras, escravidão e

6 O conceito de catolicismo midiático, como a compreensão de uma nova relação do catolicismo com o uso dos meios de comunicação social pode ser aprofundado no texto: Catolicismo midiático referido no final. Já a discussão sobre o uso performático das redes sociais e a consagração de uma cultura gospel no Brasil pode ser consultado no texto: Linguagem midiática e religião, registrado nas referências.

7 Além da dimensão histórica que aqui discuto, num outro texto a perspectiva política e midiática entrelaça-se na análise das respostas teológico-pastorais que o no mundo evangélico vem sendo dadas e o tipo de mecanismos simbólicos são ativados. Ver Bandeira; Carranza (2020).

deslocamentos humanos, conseqüentemente, foi a epidemia que fez com que as comunidades Wampanoag quase desaparecessem.

A compreensão teológico-pastoral dos colonos ingleses os levou a pensar que a epidemia tinha removido providencialmente os povos nativos para que eles (os colonos) conseguissem “habitar a nova terra prometida”, a Nova Inglaterra. A interpretação de que os colonos eram puxados por Deus para ocupar o vazio deixado pela peste, conforme a leitura de Rowley, teria profundas implicações na história de expansão americana. Os sermões dos pastores facilitaram a naturalização, pelos colonos, da ideia de que a peste teria sido providencial, pois ela fez o trabalho de expulsar os nativos. Mas, também, a partir da peste o labor de evangelização com os nativos seria mais “fácil”, porque a terrível doença teria deixado os indígenas mais dóceis para se converter à verdadeira religião. A bíblia para os colonos era a fonte de interpretação e oferecia muitas razões diferentes para as pragas e pestilências.

Mas, para a minoria indígena, que sofreu a traumática peste, interpretá-la como causa espiritual para sua conversão não foi um consenso pacífico entre os wampanoags. Da mesma forma, entre alguns colonos posteriormente os argumentos teológicos e as ações pastorais não tinham uma ressonância de consenso, pois se “Deus quis a peste” para converter os nativos, também, abriu muitas batalhas e conflitos, além de desestruturar as comunidades nativas, deixando-as na desgraça. Emerge a suspeita: que Deus é esse?

Se a peste era uma arma de expulsão, ao mesmo tempo o era como oportunidade de conversão. Nas interpretações teológicas da época isto não tinha contradição ética, mesmo que alguns colonos não concordassem com elas pelas consequências práticas assinaladas acima. O historiador afirma que a complexidade da realidade em que se realizam as interpretações é muito grande, produzindo comportamentos contraditórios: enquanto se agradece a peste por liberar as terras e por converter os indígenas, há a exigência ética de ajudar a salvar da morte os nativos vítimas da peste se impunha. O autor nos mostra a função social que a religião cumpre em tempos de crise extrema e como as interpretações teológicas e as ações pastorais terão um papel relevante na crise.

De acordo com Rowley, uma epidemia obriga a vida religiosa a reformular seu arsenal teológico para interpretar o sentido último da doença. Já a hermenêutica da epidemia, realizada pelos eclesiásticos, abre um leque de inúmeras possibilidades para a compreensão do evento como desígnio divino enquanto oportunidade de arrependimento dos fiéis e de poderem reconduzir moralmente suas vidas, fortalecer espiritualmente os grupos/igrejas perante as forças da natureza. Por isso, a peste tem uma função salvífica, se apresentando como um tempo de graça e de bênção. Outra função da religião será a de outorgar sentido ao sofrimento, tornar suportável a contingência do risco de morte, oferecer tecnologias para administrar a ansiedade da epidemia destrutiva e perturbadora. Nesse sentido, a função dos agentes religiosos será oferecer uma explicação etiológica da epidemia, uma cosmovisão religiosa da realidade que a organiza em função de uma finalidade divina (teleologia), fortalecer

as próprias instituições, ao lhes fornecer tecnologias de superação da adversidade e ao manter a coesão social.

Tanto Rowley quanto Durkheim e Geertz convergem no papel que a religião traz quando outorga sentido ao sofrimento que se instala numa situação extrema, no caso da peste de 1616 e da pandemia da Covid-19, ambas são destrutivas e perturbadoras. Ambos eventos nos ajudam a pensar como a religião ordena o caos que se instala quando as tensões emergem, os conflitos explodem, as ansiedades espirituais afloram. Sem dúvida que a Covid-19 questiona todas as práticas religiosas pois, não apenas as do catolicismo que como vimos acima, abre seus repertórios milenares para dar suporte religioso a uma realidade social até agora não controlada pelos meios científicos⁸.

Na perspectiva durkheimiana, a função social do catolicismo, com a inovação de experiências religiosas, será a de disponibilizar seu arsenal simbólico, ora na inversão da aproximação do sagrado nas ruas, cidades e fiéis, ora os fiéis encontrando esse sagrado nos ambientes tecnológicos comandados por clérigos e leigos, ainda nas interpretações teológicas que impulsionam respostas pastorais. Certamente, os diversos catolicismos latino-americanos oferecem sentido e fazem suportável o sofrimento, a tempo que disponibilizam seus recursos simbólicos e religiosos para administrar a morte e a vida em tempos de pandemia que tudo indica são propícios para que ressurgisse esse “o algo de eterno na religião”.

BIBLIOGRAFIA

CARRANZA, B.; BANDEIRA, O. (2020). In: GROSSI, M.; TONIOL, R. (Orgs). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha.

CARRANZA, B. *Catolicismo midiático*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.

CARRANZA, B. Linguagem midiática e religião. In: PASSOS, J. D.; UZARSKI, F. *Compêndio de Ciência da Religião* (Orgs). São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

BANDEIRA, O.; CARRANZA, B. Reactions to the pandemic in Latin American and Brazil: Are religions essential services? In: *International Journal of Latin American Religions*, 2020, <https://doi.org/10.1007/s41603-020-00116-0>.

DURKHEIM, É. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

ROWLEY, M. What can we learn about religion and Covid 19 from the pandemic of 1616 (Interview). Disponível: <https://religionanddiplomacy.org.uk/2020/03/24/what-can-we-learn-about-religion-and-covid-19-from-the-pandemic-of-1616-an-interview-with-matthew-rowley/>. Acesso 31. ago.2020.

8 No texto sobre as reações à pandemia na América Latina sugiro pensar de forma contrastativa, com o universo católico, os evangélicos acionaram mecanismos sócio-caritativos e de territorialização das necessidades das periferias latino-americanas para responder às necessidades suscitadas pela pandemia. Além das diversas redes de apoio e solidariedade é interessante observar como desenvolvem certo tipo de performances espirituais não tradicionais, diferente do catolicismo. Ver Bandeira; Carranza (2020).